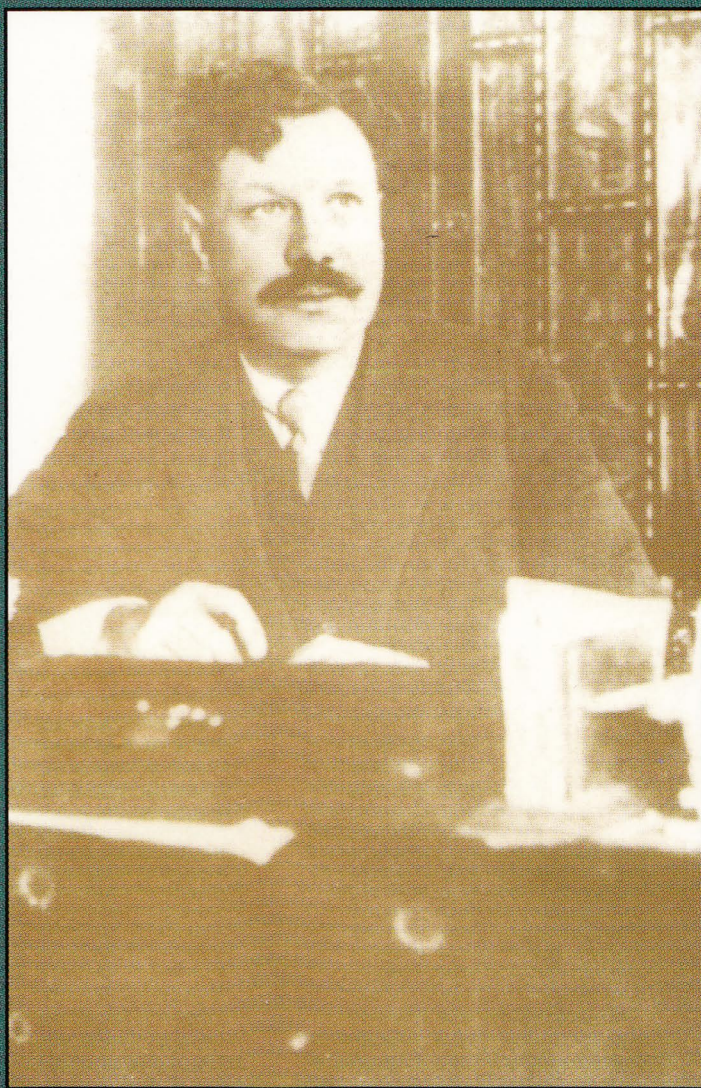


António Reis

RAÚL PROENÇA
BIOGRAFIA DE UM INTELLECTUAL
POLÍTICO REPUBLICANO

Vol. I



temas portugueses

Mas, curiosamente, é num artigo sobre a filosofia de Epicuro que Proença nos vai traçar o mais poderoso retrato do seu “verdadeiro homem de elite”, aquele que urgia acordar do “sono epicúreo” onde se “aniquila e desconhece” para se tornar no modelo ideal da nova mentalidade a criar, através da revolução espiritual, de que seria o principal agente. É sobre esse modelo que afinal de contas ele vinha assentando toda a sua vida e obra, e é sobre esse modelo que ele projectará a acção do grupo seareiro. Importa, por isso, que nos detenhamos um momento sobre a definição que dele nos dá, um ano antes da fundação da *Seara Nova*.

Nos antípodas do “utilitarismo egoísta” de Epicuro, cuja moral ignora o desejo enquanto “tendência da própria vida a afirmar-se e a exercer-se” e não reconhece “no esforço, na insatisfação do espírito, na vontade entusiasta e fervorosa os fermentos da verdadeira moralidade”, Proença mantém-se fiel à inspiração vitalista que já teorizava nos tempos da *Alma Nacional* e o leva a ver “na vida um progresso, uma aspiração cada vez mais consciente e menos surda a formas de existência cada vez mais altas”, onde se entrelaçam “os fios do prazer e da dor, da dor, por vezes também criadora e voluptuosa”. E se esta concepção devia ser partilhada pelo “homem médio”, cabia ao “homem de elite” tecer de tal trama “alguma parte vital”, assumindo-se como “uma das mais poderosas lançadeiras do progresso do mundo”. Senhor de um excesso de actividade vital que não pode deixar de transbordar, ele “vive para se dar e multiplicar, e não para receber e subtrair”, servidor e não espoliador, condenador e reparador de injustiças e por isso vendo na política “a mais nobre e a mais bela das ocupações do homem” e no progresso material um simples meio para alcançar “tudo o que é em geral considerado ‘supérfluo’ e que é, no estado actual do mundo, o verdadeiramente ‘necessário’”. Ele é, finalmente, aquele que não precisa de acreditar em Deus e na vida eterna “para dar um valor e um sentido à vida”, “pela beleza, pela força espiritual, pela audácia generosa”, dessa vida fazendo “a mais bela obra de arte” e não apenas “a sua obra de arte”.

Estamos, como é de ver, perante um auto-retrato, que Proença desejava tornar extensivo à elite do seu tempo, em maior ou menor grau, mas que ele sabia contrastar fortemente com a moral e a mentalidade nela dominantes, amarradas ao egoísmo, à inacção e ao tradicionalismo passadista... Toda a questão estava agora em como operar a transformação das elites, em como criar esse novo tipo de homem capaz de encarnar essa nova moral vitalista do heroísmo do dever ao serviço dos valores da Liberdade, da Justiça e do Progresso. Falhadas as tentativas da Liga de Educação Nacional, da Renascença Portuguesa, da Liga de Acção Nacional e repudiada a alternativa antitética da Cruzada Nun'Álvares havia que tentar de novo desbravar outro caminho.

Ora, não estava a reforma em curso na Biblioteca Nacional a mostrar a viabilidade desse outro caminho, como o próprio Sérgio reconhecia do Brasil? Não era ela já um dos eixos possíveis para a concretização da sonhada estratégia da revolução espiritual centrada na criação de uma nova elite? Com efeito, para além de confirmar a capacidade realizadora do embrião dessa nova elite, a reforma em curso não só potenciava transformações culturais a prazo como funcionava também, e ao mesmo tempo, como um íman atractor de um núcleo cada vez mais alargado de intelectuais e artistas, de variada proveniência e formação ideológica e cultural, irmanados, porém, no propósito de uma renovação das mentalidades por uma via prioritariamente cultural no sentido mais amplo da expressão.

Jaime Cortesão e Raúl Proença tinham sabido congregar à sua volta o chamado "Grupo da Biblioteca", de facto constituído por vários grupos distintos, um de natureza mais política e vincadamente republicano, outro agregando dirigentes anarco-sindicalistas e outro ainda de natureza mais cultural e politicamente heterogéneo. O gabinete de Cortesão era o habitual ponto de encontro de cada um deles. Do primeiro faziam parte os colaboradores mais directos de Cortesão e Proença na própria Biblioteca, como Aquilino Ribeiro, Ferreira de Macedo e Faria de Vasconcelos, além de personalidades como Câmara Reis e Mário de Azevedo Gomes. Do segundo, conhecido como "os avançados", faziam parte Alexandre Vieira, do quadro tipográfico da Biblioteca e director do diário *A Batalha*, António Peixe, Santos Aranha, Clarimundo de Aguiar e outros

dirigentes operários do Arsenal do Exército. O último seria o mais vasto e inorgânico, reunindo boa parte da fina flor da intelectualidade literária, artística e científica da época: Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, António Arroio, David Lopes, Francisco de Lacerda, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José Maria Rodrigues, Quirino de Jesus, Raúl Brandão, Raúl Lino, Reinaldo dos Santos, Silva Teles, Teixeira de Pascoaes e Viana da Mota, entre muitos outros.

Do convívio intelectual assim regularmente cultivado natural seria que brotasse vários projectos e iniciativas, para além de um clima de respeito e de tolerância recíprocas, tão importante numa época de clivagens cada vez mais profundas e de ódios sectários. Na verdade, será no primeiro daqueles grupos que germinará a ideia da fundação da revista *Seara Nova* enquanto órgão de um grupo organizado com esse mesmo nome e com o objectivo proclamado de levar a cabo o de há muito ansiado propósito de renovação da mentalidade da elite portuguesa e de criação de uma opinião pública nacional capaz de exigir e apoiar as reformas necessárias. Do último grupo, por sua vez, viria a nascer em 1924 a Revista de Estudos Portugueses *Lusitânia*, com a colaboração igualmente de alguns elementos do primeiro grupo. Também o *Guia de Portugal* a ele viria recrutar grande número dos seus colaboradores. E algumas iniciativas politicamente mais abrangentes já contemporâneas da *Seara Nova*, como a *União Cívica* e os *Homens Livres*, que a seu tempo analisaremos, neste último grupo mergulharam sem dúvida as suas raízes.

Quando, no Decreto n.º 5618, de 10 de Maio de 1919, Raúl Proença definia como orientação genérica para a reforma orgânica da Biblioteca Nacional “alargar, arejar, abrir as janelas (...) para vida”, não teria ainda porventura intuído o vendaval cívico e cultural que em breve ela iria desencadear. Da completa reestruturação dos serviços técnicos às actividades culturais, do convívio de uma plêiade de intelectuais ao lançamento de projectos reformadores de intervenção cívica na vida República, o caminho foi curto e rápido. A crescente instabilidade das instituições não se compadecia com quaisquer delongas. Era um verdadeiro contra-relógio para evitar a queda no futuro abismo ditatorial que, assim, afinal se iniciava. Proença de algum modo pressentia-o e por isso se lançara de alma e

coração nesta frenética actividade que lhe consumia nunca menos de quinze horas por dia.

Laboratório de uma reforma cultural, a Biblioteca Nacional convertia-se agora em trampolim para uma intervenção na vida da pólis, que já não se podia confinar no seu limitado território institucional, antes teria de extravasar para o país político. Era o tempo da *Seara Nova* que se anunciava e, com ele, um novo e decisivo período na vida de Raúl Proença – verdadeiro cimo da montanha que há muito vinha trepando.

Raúl Proença. Biografia de um Intelectual Político Republicano, vol. I, António Reis, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 285-289.